

VEREDICTO EM CANUDOS: O OLHAR INTERTEXTUAL DE SÁNDÓR MÁRAI SOBRE OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA

Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UEPB/UFCG)

RESUMO

É notório o fato de que um texto nunca é a expressão de um significado autoral singular nem tem um significado que se origina e fecha naquele texto particular de forma isolada, mas só pode ser compreendido na sua relação com outro texto ou com uma variedade de outros. Assim, o objetivo deste artigo consiste em apresentar a relação intertextual existente entre o romance *Veredicto em Canudos* (1970), do húngaro Sándor Márai e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Indubitavelmente, é o tema da Guerra de Canudos que informa os enredos dos romances aqui cotejados. No que concerne à narrativa de Euclides da Cunha, vale mencionar que o escritor em 1897 foi enviado como repórter ao interior da Bahia para cobrir o evento revolucionário em Canudos, sob a liderança de Antônio Conselheiro. A cobertura da guerra resultou na publicação de *Os Sertões*, romance que trouxe à tona conflitos relativos ao advento do regime republicano no Brasil. *Os Sertões* cuja narrativa é estruturada através de uma linguagem bastante eloquente e rica em termos científicos, além do alto rigor descritivo, está dividido em três partes, a saber: A terra (o meio), O homem (a raça) e A luta (o momento). Será em torno dessas três tópicos que abordarei a relação intertextual entre *Veredicto em Canudos* e *Os Sertões*. Objetivamos, portanto, com este trabalho verificar as semelhanças e diferenças entre as obras analisadas à luz das discussões teóricas concernentes à intertextualidade e literatura comparada. Além disso, é também nosso objetivo contribuir para o debate acerca do cruzamento de olhares e experiências literárias entre as literaturas européia e brasileira, e como a nossa literatura considerada “jovem”, ultrapassando todas as fronteiras, pode influenciar na produção de uma obra germinada no contexto europeu.

Palavras-chave: Relação intertextual. Literatura Comparada. Guerra. Literatura brasileira X literatura húngara.

Everywhere there is connection, everywhere there is illustration. No single event, no single literature is adequately comprehended except in relation to other events, to other literatures.

Matthew Arnold

Com base no comentário acima, citado por Susan Bassnett (1993), quando lemos uma obra literária, seja prosa ou poesia, naturalmente, estabelecemos conexões com outras do mesmo e até de outro gênero. Essa noção de conexão coaduna com a própria ideia de intertextualidade defendida por Julia Kristeva. Assim, é notório o fato de que um texto nunca é a expressão de um significado autoral singular nem tem um significado que se origina e fecha naquele texto particular, de forma isolada, mas que pode ser compreendido na sua relação com outro texto ou com uma variedade de outros.

Diante disso, o objetivo deste ensaio consiste em apresentar sucintamente a relação intertextual existente entre o romance *Veredicto em Canudos*, publicado em 1970, do húngaro Sándor Márai e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Como se observa, quase sete décadas separam as duas obras, entretanto, as distâncias temporal, geográfica, linguística e cultural não impedem que a relação intertextual entre elas se estabeleça de modo tão explícito, sobretudo no concerne à temática explorada em ambas. Indubitavelmente, é o tema da Guerra de Canudos que informa os enredos dos romances aqui cotejados.

Para este estudo, faz-se necessário uma breve contextualização de tal guerra a partir da própria narrativa de Euclides da Cunha que em 1897 foi enviado como repórter ao interior da Bahia para cobrir o evento revolucionário em Canudos, sob a liderança do emblemático Antônio Conselheiro. A cobertura da guerra resultou na publicação de *Os Sertões*, romance que trouxe à tona conflitos relativos ao advento do regime republicano no Brasil.

Os Sertões cuja narrativa é estruturada através de uma linguagem bastante eloquente e rica em termos científicos, além do alto rigor descritivo, está dividido em três partes, a saber: A terra (o meio), O homem (a raça) e A luta (o momento). Será em torno dessas três tópicos que abordarei a intertextualidade nos romances em questão.

Na seção referente à Terra, sob a visão de Euclides da Cunha, percebemos uma descrição detalhada de todo o espaço, evidenciando todas as características do lugar, do clima e seca tão marcantes no cenário do semiárido nordestino. Essa descrição também permeia o romance de Márai, como se percebe no excerto:

A terra exalava o odor acre do tempo da seca, quando os rebanhos abandonavam as paisagens de cerâmica partida deixando para trás montes petrificados de esterco. [...] A falta d'água, a secura, a brutalização cotidiana, lamacenta, sangrenta dos dez meses da guerra de guerrilha, a opressão alucinante, enfurecedora do clima tropical, o

cheiro dos gases sulfurosos naturais, o ambiente aquecido por perigos traiçoeiros [...] (MÁRAI, 2002, p. 18).

O trecho representa apenas uma amostragem de uma narrativa segunda que é claramente construída a partir de uma primeira. A recorrência de adjetivos para descrever o cenário do sertão nordestino é uma estratégia fortemente utilizada tanto por Márai como por Euclides. Parece que o escritor húngaro conseguiu captar a essência do estilo euclidiano marcada por uma “ciência do adjetivo”, considerando as colocações Vasques da Cunha (2015). Além disso, o uso exacerbado das palavras adjetivas para descrever o cenário narrado tem um propósito para o contexto: intensificar a brutalidade da situação da guerra.

No tocante à caracterização do Homem, não podemos deixar de citar a máxima de *Os Sertões*: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Essa citação figura entre as mais conhecidas no universo da literatura brasileira. Ela evoca a resistência de um povo que está acostumado a lidar com situações extremas de escassez devido ao problema da seca persistente em uma determinada região do Brasil. Essa concepção emerge da visão sociológica e antropológica de Euclides da Cunha ao retratar o habitante do lugar (do sertão) e sua relação com o meio.

Nessa mesma linha de raciocínio, observamos no livro do escritor húngaro uma descrição do povo sertanejo que corrobora o olhar de Euclides da Cunha. No texto de Márai, temos a seguinte passagem: “ao longo de dez meses, liquidar nove mil seres famintos, sedentos, cadavéricos, enlouquecidos como animais – os rebeldes de Canudos e seu condutor, o profeta fanático, Antônio Maciel, o Conselheiro” (MÁRAI, 2002, p. 13).

A aparência raquítica, a fome e a sede, aspectos recorrentes na concepção estereotipada que se tem do sertanejo sofredor, perpassa também a descrição de Márai que tem apenas como base para elaboração de seu texto: o livro de Euclides da Cunha. A intertextualidade entre ambas as obras é tão evidente que a personagem central da Guerra de Canudos – Antônio Conselheiro – habita o universo ficcional de *Verdicto em Canudos*.

Esse paralelo intertextual nos remete às considerações de Laurent Jenny (1979) ao sugerir que a virgindade é inconcebível dentro do contexto de produção de textos literários. Em outras palavras, segundo a autora, não há originalidade em textos oriundos do âmbito da literatura. Além disso,

[...] a intertextualidade não só condiciona o uso do código, como também está explicitamente presente ao nível formal da obra. Assim sucede com todos os textos que deixam transparecer a sua relação com outros textos: imitação, paródia, citação, montagem, plágio, etc. (JENNY, 1979, p. 6).

A partir desse ponto de vista, como devemos pensar *Veredicto em Canudos* em relação ao romance *Os Sertões*? Seria o primeiro em relação ao segundo uma imitação, uma paródia ou um plágio? Não cabe aqui problematizar tais possibilidades. Portanto, uma resposta é certa: uma obra só existe a partir da outra. Considerando que a intertextualidade é uma característica essencial da literatura pós-moderna, é seguro afirmar que a obra de Márai se constitui a partir de um texto primeiro (*Os Sertões*), mas em um novo contexto através de uma abordagem diferente, através de uma linguagem menos rebuscada e uma narrativa mais fluida.

Veredicto em Canudos se estrutura sob a perspectiva de um narrador em primeira pessoa, que não hesita em deixar claro para o leitor, a sua identidade, a sua origem e o propósito de sua narração: “Vou contar agora o que vi e ouvi em 1897, no dia 5 de outubro, entre as cinco horas da tarde e as nove horas da noite [...] – eu não fui nada nem ninguém em Canudos, a não ser um simples cabo e testemunha anônima” (MÁRAI, 2002, p. 7).

Esta é a voz que reconta a história de Canudos que após cinquenta anos, resolve quebrar o silêncio e se dispõe a narrar suas lembranças do período da guerra. Oliver O’Connel, idoso de mais de setenta anos e auxiliar na biblioteca municipal de São Paulo, no tempo presente da narrativa, se propõe uma tarefa difícil, recontar um acontecimento, como estratégia de postergação da morte. Assim, em sua fala:

Mas é possível que inventemos coisas assim apenas pela intenção de adiar a morte com esses raciocínios simplórios, marotos – como o condenado que antes da execução lê um livro, ou chama um parente, em outras palavras, demanda um adiamento, uma hora ou alguns minutos, mas, em todo caso, um adiamento. Não sei se tenho alguma tarefa a cumprir antes da morte. Ou se simplesmente a inventei, a narrativa da história de Canudos, como pretexto para viver mais um pouco... Seja como for, comecei a rabiscar pressurosos. Porque a memória que registro agora é como doença de pele: coça e arde (MÁRAI, 2002, p. 9).

Ao analisar esse trecho, retomamos a discussão de Jenny (1979, p. 5) quando coloca que “a obra literária entra sempre numa relação de realização, de transformação ou de transgressão. E é, em grande parte, essa relação que a define”. Nessa perspectiva, a voz narrativa do romance de Márai que assume “inventar” sua participação em uma

história com base na história contada por outro. De fato, percebemos que há em *Verdicto em Canudos*, tanto uma relação de transformação quanto de transgressão em relação à obra paradigmática de Euclides da Cunha.

Ainda nessa linha de pensamento, considerando que o trabalho de assimilação e de transformação caracteriza todo e qualquer processo intertextual, vale citar ainda o seguinte comentário de Jenny (1979, p 10): “As obras literárias nunca são simples memórias – reescrevem as suas lembranças, influenciam os seus precursores, como diria Borges. O olhar intertextual é então um olhar crítico: é isso que o define”. De fato, é esse olhar intertextual crítico que permeia a narrativa proposta por Márai, sobretudo na abordagem da Guerra de Canudos.

Nesse ponto, iniciamos a discussão concernente à terceira parte de *Os Sertões: A luta*. É nessa seção do livro em que Euclides da Cunha esmiúça toda a crueza da guerra, relatando as quatro expedições a Canudos, criando um retrato real da fome, da miséria, da violência e da insanidade típicas dos contextos bélicos. O mesmo tom de denúncia e crítica social que é uma marca do romance pré-modernista de Euclides, informa o romance pós-modernista de Sándor Márai como é possível perceber na passagem que segue:

O líder da guerra de Canudos era invisível – chamava-se Antônio, o Conselheiro [...] Talvez fosse um louco. Apesar disso, fez com que há cinquenta anos atrás, no sertão do Nordeste do Brasil, os homens lutassem, matassem e morressem – matassem e morressem com paixão e convicção, como se o banho de sangue que denominavam guerra tivesse alguma finalidade (MÁRAI, 2002, p. 8).

O tom crítico denota o posicionamento político do narrador em relação à guerra. Testemunha ocular do acontecimento fatídico, Oliver O’Connell não se constrange em se identificar constantemente como “o velho, que vi tudo o que Euclides narrou” (p.11). A crítica à guerra é uma questão evidente em *Verdicto em Canudos*. A parcialidade em relação ao evento é reforçada pelo uso de adjetivos que desqualificam totalmente o sentido da guerra. As algumas referências são as seguintes: “carnificina”, “diversão cruel” e “matança”, ressaltando o terror causado pela violência gratuita da guerra.

Dentro desse contexto, a figura do soldado emerge como emblemática em ambas as narrativas. A palavra “soldado” constitui realmente uma palavra-chave, aparecendo repetidas vezes ao longo da narrativa. O próprio fato de o narrador de *Verdicto* ter servido na guerra de Canudos como cabo já corrobora a representação do soldado no campo de batalha.

Considerando tal aspecto, vale citar o texto “O Soldado Adormecido” de Martim Vasques da Cunha no qual é enfatizada a presença de um soldado encontrado morto no cenário do sertão. O autor destaca uma passagem da primeira parte de *Os Sertões* para engendrar sua discussão: “O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela – braços longamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava. Descansava... havia três meses. Morrera no assalto de 18 de julho”.

Como o próprio Vasques da Cunha coloca, a imagem do corpo do soldado morto sob o olhar de Euclides da Cunha suscita várias reflexões. Contudo, uma é bastante relevante para a breve discussão deste ensaio: “um corpo que, apesar de destituído de vida, ainda assim serve como instrumento para o estudioso analisar minuciosamente as metamorfoses estranhas do ambiente que ali reina” (VASQUES DA CUNHA, 2015, p. 80). O estudioso ao qual Vasques da Cunha se refere é o próprio escritor de *Os Sertões*, cujo olhar acurado evidencia detalhes tão minuciosos em torno da figura do combatente de guerra da campanha sangrenta de Canudos.

Em *Veredicto em Canudos*, os combatentes podem ser descritos como no seguinte trecho:

Agora, em 5 de outubro, nada sobrava a não ser carnificina.[...] Nas horas finais, os soldados e jagunços sobreviventes se exterminavam qual autômatos, sem porquê [...] soldados e rebeldes desejavam somente matar, matar ainda uma vez, até a última bala.[...] Não sei o que pensam os soldados que matam na Europa quando povos poderosos e cultos guerreiam. No sertão, em Canudos, nós assassinávamos assim, como camponeses, sim, como crianças ou bárbaros. E na tarde derradeira parecia que tínhamos compreendido que nas desgraças dos dez últimos meses o real objetivo não havia sido a “vitória”, mas a possibilidade de matar para valer, ao menos uma vez, à distância de toda civilização. Residiria nisso a verdadeira razão e sentido das guerras?...”(MÁRAI, 2002, p. 21-22).

A pergunta retórica do narrador ratifica ainda mais o tom de denúncia da obra do escritor húngaro. Além disso, ao se incluir no contexto de batalha, como em “nós assassinávamos”, o narrador-soldado reforça sua condição de testemunha ocular da guerra em uma condição diferente da do jornalista Euclides da Cunha – o narrador-jornalista e viajante.

Ainda em relação à presença do soldado morto em *Os Sertões*, cabe mais uma vez retomar a questão da originalidade, ou melhor, da falta dela em se tratando da linguagem de um modo geral, e dentro desse universo, a própria literatura. Nessa direção, Vasques da Cunha (2015) questiona se o surgimento do soldado morto na

narrativa euclidiana tem sua origem em outras fontes, que não esteja necessariamente atrelada à realidade. Para tanto, ele alude ao poema francês “O adormecido do vale” de Rimbaud no qual é possível identificar uma relação intertextual explícita com a cena descrita na primeira parte do livro de Euclides da Cunha.

Especulações da possibilidade de Euclides ter conhecido ou não as poesias de Rimbaud enquanto escrevia *Os Sertões* serão certamente inevitáveis. Contudo, os questionamentos de Vasques da Cunha parecem ser apropriados para uma reflexão que pretende discutir a intertextualidade entre duas obras de contextos e períodos tão distintos. Assim, “[...] é fundamental que o leitor, fascinado com o episódio do soldado morto, se pergunte: até que ponto tudo o que é relatado em *Os Sertões* aconteceu de verdade? E mais: como isso afeta a importância dessa obra na nossa sensibilidade nacional?” (VASQUES DA CUNHA, 2015, p. 83).

Se os fatos narrados por Euclides são verdadeiros ou “fantasiados”, não cabe aqui enveredar por essa polêmica. Entretanto, responder à segunda pergunta de Vasques da Cunha parece ser mais fácil, pois é inegável a importância de *Os Sertões* para a literatura brasileira – “livro singular que marcou a vida de seu autor [...] que inovou a linguagem literária dos seus contemporâneos [...] “um dos exemplos mais expressivos e bem-sucedidos dos ideais estilísticos do seu tempo””(VASQUES DA CUNHA, 2015, p. 103).

Portanto, apesar do tamanho volumoso (mais de seiscentas páginas) de seu livro e de um estilo aparentemente impenetrável, Euclides da Cunha coloca seu nome no rol dos principais autores de toda historiografia literária brasileira. Graças ao seu sucesso e a tradução de *Os Sertões* para a língua inglesa, o húngaro Sándor Márai teve acesso ao romance euclidiano. Tal fato foi o que permitiu a elaboração deste ensaio sobre a questão da intertextualidade.

Foi a leitura apaixonada de Márai da versão em inglês, *Rebellion in the backlands*, que resultou em *Veredicto em Canudos*. Sobre este fato, vale citar uma síntese das próprias palavras de Márai presentes na Nota do escritor:

O livro é como a mata do sertão: a um tempo abundância e aridez. Contém muito do que marca o Brasil: o clima, a flora e a fauna. E por trás dos dados objetivos se delineia a paisagem humana: um mundo em que o homem ainda vive mais na natureza do que na civilização. Mas por fim, aos trancos e barrancos, terminei o livro. A lembrança da leitura era inquietadora. Como se eu tivesse estado no Brasil. (Sinto nunca ter andado por lá.). [...] Um dia comecei a escrever sobre o que acreditava ter ficado “de fora” do livro de Euclides da Cunha – ficara

de fora, “mas poderia também ter sido assim”. [...] Da obra de Euclides da Cunha não emprestei mais que os dados topográficos e as datas. E os nomes de alguns personagens. Todo o resto é invenção (MÁRAI, 2002, p. 151-52).

O que seria da literatura, portanto, se no contexto de escrita de uma determinada obra, não existisse a capacidade inventora dos escritores apoiada em um olhar crítico sobre outras obras literárias? Respondendo muito provisoriamente, poderíamos dizer que a literatura não existiria. Isso porque se partirmos do pressuposto que a intertextualidade é uma das bases na qual a escrita literária se apoia. Assim sendo, a intertextualidade, enquanto trabalho de transformação e assimilação, é o que estabelece a forte relação entre *Veredicto em Canudos* e *Os Sertões*. Não podemos esquecer que ambas só existem devido ao evento da Guerra de Canudos que ocorreu no sertão da Bahia no final do século XIX. Afinal, tudo está conectado segundo Matthew Arnold citado no início deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BASSNETT, Susan. *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.

JENNY, Laurent. “A estratégia da forma”. In: *Poétique: revista de teoria e análise literárias*. Trad. Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

MÁRAI, Sandor. *Veredicto em Canudos*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VASQUES DA CUNHA, Martim. “O soldado adormecido”. In: *A poeira da glória*. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.